

-49-

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DO INTERIOR
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
BACHARELADO EM HISTÓRIA

MONOGRAFIA

A RELAÇÃO PROFESSOR-ESCOLA-ALUNO NO
DISCURSO-FALA DO PROFESSOR

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

1990

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DO INTERIOR
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
BACHARELADO EM HISTÓRIA

*Monografia que apresenta à Banca
Examinadora composta por Fábio
Gutemberg R. B. de Souza (Orienta
dor), Eliete Queiroz de Gurjão
Silva e Maria da Luz Neves.*

MANOEL ROBERVAL DA SILVA

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA
1990/2



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

AGRADECIMENTO

Aos meus pais e a minha avô, pelo apoio que sempre me deram.

Aos professores que me concederam entrevistas, sem os quais este trabalho não teria sentido.

À Professor Eliete Gurjão que em todos os momentos possíveis me dedicou sua atenção.

Aos amigos Evanildo Barbosa, Carmita, Glória e Maria do Carmo pela força que me tem dado.

À Lucinete pela colaboração e compreensão.

Enfim, a todos que me ajudaram direta e indiretamente.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao companheiro e professor-orientador Fábio Gutemberg.

Campina Grande, 1991.

Manoel Roberval da Silva

A escola não é estática nem intocável. A forma que ela assume em cada momento é sempre o resultado precário e provisório de um movimento permanente de transformação, impulsionado por tensões, conflitos, esperanças e propostas alternativas.

Cuidado, Escola!*

* IDAC, S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1980.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - ADEUS MATERIAL DIDÁTICO! ADEUS <u>EDUCAÇÃO?</u>	3
CAPÍTULO II - "A FALTA DE BASE E DEFASAGEM" DESCOMPROMISSO DE QUEM?	15
CONCLUSÃO - "O ESTADO FAZENDO A ESCOLA?"	23
BIBLIOGRAFIA	25

INTRODUÇÃO

O interesse em estudar alguns aspectos da educação surgiu através da prática por nós vivenciada enquanto docente e por intermédio de uma pesquisa por amostragem realizada em duas escolas estaduais de Campina Grande e em uma escola no município de Remígio, na qual tentamos investigar sobre o espaço político da sala de aula.*

Naquela ocasião, pudemos perceber que ao tratar da questão da educação é corrente a idéia de que o governo e a estrutura educacional brasileira estão levando tanto o professor como o aluno a reproduzirem cada vez mais aquilo que interessa e legítima a dominação de grupos na sociedade através de instituições como a escola.

Nesse sentido, existem denúncias por parte de professores e alunos a respeito da educação pública estadual o que possibilitou questionar os caminhos que esta educação vem tomando na última década, no município de Remígio e o que ela está proporcionando aos estudantes.

Foi importante a realização da pesquisa por amostragem, em escolas públicas estaduais do município de Campina Grande, mas não foi possível continuar as análises nessa cidade porque as escolas, no momento da realização da pesquisa para este trabalho, estavam sem atividades acadêmicas por motivo de greve, não nos proporcionando um contacto com os professores ,

* Trabalho realizado no 1º semestre de 1989 na disciplina História da Paraíba II, intitulado MOBILIZ (Ação).

que reivindicavam através da paralisação, o pagamento de salários atrasados. Por esse motivo, realizamos a pesquisa em Remígio, município do Braço paraibano ^{*}(2). Tendo escolhido o local para a pesquisa, pensamos ser necessário entrevistar sete professores das duas escolas estaduais desse município. Escolhemos para as entrevistas professores da área de Estudos Sociais e Comunicação e Expressão ^{**}(3) por entendermos que são os profissionais que trabalham com disciplinas em que as questões de educação e problemas sociais estão mais presentes.

Mediante essas colocações, pretendemos nessa monografia, entender a partir do discurso-fala do professor, como ele vê sua relação com a escola enquanto instituição pública e com os alunos.

Estudar um dos aspectos da educação através do discurso do professor foi, para nós, algo gratificante. Isto porque apesar do tema não ser novo, optamos por abordá-lo a partir de uma perspectiva nova, que é o discurso ^{***}.

Pretendemos pois, discutir no primeiro capítulo dessa monografia, tendo como base o discurso, alguns aspectos da educação que são vistos pelos professores como problemas sérios, dentro do processo educacional: o des caso do governo com a educação, e mais especificamente no que se refere à falta de material didático e aos baixos salários e, por fim, a responsabilidade do professor com as atividades acadêmicas.

No segundo capítulo, passaremos a abordar a relação entre professores e alunos tendo como referência a visão dos professores sobre essa relação a partir de aspectos como o cumprimento das atividades diárias da sala de aula, e a visão do próprio professor sobre o papel que assume diante da clientela estudantil.

* (2) A opção pela pesquisa em Remígio se deu por haver disponibilidade dos professores para as entrevistas e por ser o lugar onde o pesquisador trabalha e reside.

** (3) Dos sete professores entrevistados, quatro faziam parte da área de Estudos Sociais da E.E. de 1º e 2º graus J.B.Sobrinho e uma da área de Com. e Expressão da mesma escola e duas eram polivalentes e lecionavam na E.E. de 1º grau D. Cunha Lima.

*** A linha de pesquisa, na nossa concepção é nova porque o discurso e as representações, só recentemente estão sendo trabalhados pela historiografia brasileira.

CAPÍTULO I

ADEUS MATERIAL DIDÁTICO!

ADEUS EDUCAÇÃO?

O Município de Remígio tem uma população de 15.968 mil habitantes e, grosso modo, verifica-se que os alunos que frequentam as escolas públicas não dispõem de recursos financeiros suficientes se comparados com os que procuram às escolas privadas. Estes, em geral, dispõem de livros para cada disciplina além de todo material escolar, enquanto aqueles, quando dispõem de material, é no máximo caderno, lápis, régua e borracha.*

Hã na cidade, nove escolas (duas estaduais, três municipais e quatro particulares) além das vinte e sete escolas na zona rural. As escolas públicas funcionam com um maior número de alunos e em condições não muito favoráveis a essa clientela, pois além de não terem espaço suficiente, falta o material didático, que os professores consideram como muito importante nas atividades de ensino.

Detectamos, com base nos documentos que se encontram nos arquivos dessas escolas, que o material que veio com mais frequência durante a década de 80, foi caderno, lápis, borracha e régua, mesmo assim em quantidade reduzida que não deu para que todos os alunos usassem durante todo o ano letivo. Quanto

* Lembramos também que muitos dos alunos que frequentam a escola privada, nem sempre estão ali por terem uma condição financeira privilegiada, mas muitas vezes por haver nas escolas públicas constantes paralizações, o que leva, os pais desses alunos, a sacrificarem parte do orçamento familiar para colocar os filhos em escola privada.

ao livro didático, verificamos que apenas duas remessas chegaram às escolas durante essa década e nas mesmas condições dos demais materiais, em quantidade pequena.

Sabe-se que é responsabilidade dos poderes públicos proporcionar educação à sociedade como em todo e, no entanto, os governantes, na década de 80, não desenvolveram uma política educacional que atendesse à população. Percebe-se isso pela afirmação dos professores de que a educação antigamente era melhor, bem como pelas matérias que saem a esse respeito no único jornal da cidade**. Entende-se pois, que não houve um melhoramento no sistema educacional por continuar existindo nas escolas a falta de material didático, defasagem dos salários de professores e funcionários, falta de reciclagem para professores, etc.

Pelo que se pôde perceber através da pesquisa realizada, existem inúmeras opiniões a respeito da escola pública estadual. Dentre elas, se destacam pela recorrência, o descaso do governo quanto ao material didático, aos salários dos professores, bem como o papel que estes vêm assumindo nas escolas públicas. São estas questões que trabalharemos a seguir.

Observa-se, com base na pesquisa, que um dos problemas mais sérios no processo educacional em Remígio é a falta de material didático, o que impede a realização de um trabalho melhor, como coloca uma professora:

* Quando nos referimos a década de 80, estamos utilizando como fonte principal o discurso dos entrevistados.

** Jornal DESPERTAR; traz notas que tratam sobre a educação no que se refere à defasagem do ensino, pêsimos salários, metodologias aplicadas na sala de aula, etc.

"Existe uma carência muito grande de material didático, nós não temos assim, como se diz, na escola, tendo que a gente precisa para trabalhar, não temos giz, nós temos o aluno, nos falta muito material didático, certo? Então... seria muito melhor se a gente tivesse condições nas escolas...".

É fato conhecido que há um certo desinteresse por parte do Estado em investir na educação em geral e em material didático em particular e o próprio sistema educacional contribui para o agravamento dessa problemática, e isso é uma realidade vivida pelos profissionais da educação há muito tempo. Mesmo assim, os professores convivem com essa realidade e estão todos os anos trabalhando e concluindo bimestres. Não resta dúvida de que se tivesse todo material didático o ensino/aprendizagem seria diferente, mas uma questão vem à tona: que diferença e inovações se fariam em termos educacionais com o material didático que se almeja?

Para os professores entrevistados o livro didático seria um dos materiais que levaria o aluno a estudar, pois seria mais cômodo para que eles participassem das tarefas da sala de aula, bem como facilitaria ao professor adiantar os conteúdos. Outra opinião é de que o livro serve para que o aluno visualize e/ou leia o que foi visto na sala de aula, como bem coloca outra entrevistada:

"...se tivesse o material didático eu sei que exercia a profissão melhor. Atualmente o que mais me afeta na sala de aula é a falta de material didático. Um atlas geográfico é uma dificuldade. Eu exijo o atlas porque a geografia sem o mapa é mesmo que ir à missa e não ver o padre...".

Nota-se que é preocupação dos professores a falta de material didático para que possa subsidiar um aprofundamento do conhecimento. É notório ainda, que essa falta de material impe-

de um maior aproveitamento dos conteúdos que estão sendo trabalhados na sala de aula.

Tomando como base a colocação da entrevistada, de que haveria uma melhor atuação de sua parte se dispusesse do material didático, pode-se pensar que esse é o problema que mais atinge o processo de ensino/aprendizagem. Contudo, percebe-se que o material didático - e em especial o livro - não atinge totalmente o professor em suas atividades diárias, pois existe aqueles que por iniciativa própria, tentam levar para a sala de aula outros recursos didáticos que possa subsidiar um aprofundamento do conhecimento, como coloca a entrevistada:

"...eu faço meu material, eu tenho as unidades completa de ciência, desenho coisas de geografia, de história. Eu sempre procuro levar para a sala de aula um estímulo visual para o aluno..."

Portanto, a suposição de que só há um bom aprendizado se todo o alunado estiver munido de material didático fica um tanto questionável na medida que se pode perceber que existe outras maneiras de aprofundar o conhecimento. Nesse sentido, deve haver possibilidades de melhor conduzir o processo educacional das escolas públicas estaduais, já que o Estado não vem se comprometendo enviar, todos os anos, o material didático necessário.

Um outro dado, é que o livro didático pode levar determinados professores a seguirem detalhadamente os conteúdos, que por muitas vezes não são escritos de maneira a considerar a experiência e/ou vivência da clientela que está sendo atingida. Ainda a esse respeito, vê-se que há uma insistência por parte dos professores em conseguir material didático para que haja um bom aproveitamento nas escolas, só que a pesquisa indicou que não há interesse de alguns professores em usar outros recursos didáticos, a não ser o livro, como está expresso na citação a se

guir:

"Na minha turma o que eu acho que falta do Estado é o material didático, no caso o livro ... Então, se aqui... eu acho que melhorava muito, antes de iniciar o ano letivo adquirir o material didático, no mínimo o livro..."

Fica claro que o livro didático é indispensável, na visão dos professores, para um bom desempenho das atividades acadêmicas. No entanto, não se percebeu durante as entrevistas, a preocupação com a qualidade de ensino que esses livros possam proporcionar aos alunos, nem mesmo se eles estão, de certa forma, subsidiando um aprofundamento necessário do conhecimento, ou mesmo, atendendo as necessidades da clientela.

Se por um lado está havendo o descaso do governo com os recursos para aquisição de material didático, por outro, nota-se o descaso com os salários dos professores e funcionários:

"...ninguém se interessa pela educação. Eles pagam um baixo salário... É um setor que eles não dão prioridade porque não existe nenhuma vantagem de o Sr. Burity, o Sr. Collor, nenhum deles formar um cidadão consciente de seus direitos de deveres, seria uma desvantagem total pra eles..."

De acordo com esta colocação, não há interesse por parte do Estado em melhorar os salários dos profissionais em educação, ou melhor, os professores ganhando mal não tem condições de se aperfeiçoarem e conseqüentemente de dar um ensino de boa qualidade.

Portanto, é uma situação vivenciada por esses profissionais que os leva a um certo desespero, como está expresso na citação a seguir:

"...esse país é o tipo de coisa, a gente quer ser bom e não pode. Olhe, eu fiz um planejamento até o dia 11 de janeiro de 1991, então o ano foi antecipado para o dia 21 de dezembro, depois ficou para o dia 14 e agora está no dia

7. Somente no 1º ano eu vou perder, com a eleição, feriado e esse negócio, 40 aulas, a gente vai perder isso. No 2º e 3º anos, 30 aulas, que a gente vai ter que registrar sem dar. O pior é isso, inventar aula".

Este fato foi desencadeado nas escolas estaduais desse município e aprovado por uma parte dos professores, em repúdio ao atraso e aos baixos salários que recebem. Entenderam, portanto, que com as atitudes de diminuir o ano letivo estariam alertando as classes dirigentes para o descompromisso que têm não só com o necessário para atender aos estudantes, mas também com o pagamento dos profissionais.

É importante perceber que os professores não estão conseguindo o que para eles é fundamental para que haja um bom desempenho do processo educacional - material didático e salários dignos - nem tampouco estão questionando sobre o compromisso que têm com as atividades que devem desenvolver na sala de aula, sendo condicionados, assim, a fazerem aquilo que deseja o Estado como coloca uma professora quando diz que o "Estado não quer que a gente faça nada porque os dirigentes dessa maneira estão ótimo". No entanto, a atitude de diminuir o bimestre, utilizado em última instância, como uma forma de protesto contra o descaso que se faz com a educação, não levou o governo a mudar sua atitude e tomar alguma solução.

Num outro momento da nossa pesquisa, verificou-se que alguns professores afirmaram que "a educação está no chão, está acabada, está arrasada" e isso deve principalmente aos governos que não têm interesse em desenvolver o senso crítico das pessoas, nem levá-los a um entendimento da realidade de vida que enfrentam. As professoras retratam isso muito bem e de maneira simplificada:

"O primeiro maior culpado são os governantes, são os nossos governantes, o descaso que eles têm pela educação, porque a educação é pra ser prioritária, mas eles não dão prioridade".

e ainda,

"Quando a gente entra em greve, quando a gente vota as notas de graça - porque esse ano eu vou botar uma das notas de graça, porque não vai dar tempo eu fazer a prova - então a gente faz o jogo do Estado mesmo. E, não, a gente nem vai dá aula não, hoje. A gente vai dá esse dia impressado? Aí a gente faz o jogo da classe que domina mesmo, porque eles querem que a gente não dê aula mesmo, não faça nada. - Isso é coisa velha, né? Todo mundo sabe que eles querem ficar com o poder e elitizar cada vez mais o conhecimento".

Fica difícil verificar minuciosamente através das entrevistas as causas que levaram os governos, principalmente os do pós-64, a não investirem naquilo que atenda às necessidades da sociedade como um todo, mesmo assim é de nosso conhecimento o crescente aumento de escolas privadas, e não é preciso fazer referência em termos de Brasil, mas no próprio município de Remígio, onde há uma população urbana de 5.554 habitantes e existem quatro escolas particulares (uma com 1ª e 2ª fase do 1º grau, uma com 2ª fase do 1º grau e duas com 1ª fase do 1º grau) totalizando assim 399 alunos matriculados no ano de 1990.

Nesse sentido, se percebe que o Estado em termos educacionais, ainda investindo muito pouco e em consequência disso cresce o número de escolas privadas. Sendo assim, uma professora de um Colégio pesquisado afirma:

"Essa história é muito longa, vem de trás o erro, sua raízes estão lá atrás. O Estado chegou num momento de um estado fadimentar por conta de nossos governantes passados, porque o núcleo de tudo isso são os interesses próprios deles. É uma política voltada para os seus interesses. A política educacional dos nossos governantes de um modo geral é uma política voltada para os seus interesses. Eles acham

que não há nenhuma vantagem em fornecer material didático para as escolas, dar aos paraibanos uma educação digna..."

Sem embargo, a política educacional implantada pelo Estado levou uma boa parte dos professores a abandonar a possibilidade de investir na qualidade do ensino, bem como a transferir muitos problemas que enfrentam no dia-a-dia na sala de aula para o governo, sem que se questione com profundidade sua própria atuação.

Isto está colocado porque verificou-se que os diversos problemas da educação não podem ser vistos apenas pelo ângulo do descompromisso dos governos, pois uma das professoras entrevistadas colocou que os alunos denunciam alguns professores por terem o emprego no colégio em segundo plano:

"...que muitos professores não exigem e que muitos têm preguiça de preparar aula, outros acham que eles têm o emprego do colégio só como um biscoite, que uns são comerciantes, outros tem outras atividades e deixam o colégio em segundo lugar".

Partindo dessa afirmação, verifica-se que o material didático e os baixos salários são apenas parte dos obstáculos enfrentados pelo sistema educacional. Outro aspecto de grande importância que está sendo revelado é a responsabilidade que deve ter o professor com as suas atividades acadêmicas.

Ainda a esse respeito, há considerações de que isso acontece pelo fato de alguns professores exercerem outras atividades: ou são comerciantes, ou trabalham com outras atividades deixando, de certa forma, as atividades do colégio que necessitam de uma atuação maior. Mas, verifica-se também, a opinião de que se alguns professores não tivessem outras tarefas como poderiam sobreviver? Isto mostra o quanto esta discussão é complexa na medida em que for analisada tendo em vista a falta de material

e os baixos salários mas, por outro lado, há indagações de que existe no horário dos professores horas departamentais que, se gundo as observações feitas por uma das entrevistadas, esse horário não está funcionando, chegando os alunos a questionarem o porquê do não funcionamento pelo menos para se preparar as aulas.

Além de não haver cumprimento das horas departamentais, não há também reciclagem que propicie aos professores um desenvolvimento do conhecimento e até mesmo um aprofundamento daquilo que já conhece. Nesse sentido, os próprios professores reconhecem que há uma despreparação para assumir as atividades docentes:

"...eu acho que tá um pouco deficiente, a educação no Brasil está precisando de reciclagem..."

"Eu acho que deveria haver uma preparação dos professores, a gente esse tempo todinho que eu trabalho (13 anos), a gente nunca participou de um encontro de professores para que a gente pudesse melhorar o trabalho. Nem tem na escola e nem tem em âmbito estadual"

Este é um dos problemas cruciais, dentro do processo educacional em Remígio, pois a rede estadual de ensino comporta cinquenta e nove professores, sendo quarenta da Escola Estadual de 1ª e 2ª Graus José Bronzeado Sobrinho e dezenove da Escola Estadual de 1ª Grau Dr. Cunha Lima*. Nesse sentido, percebe-se que os próprios professores reconhecem que precisa ser aprofundado o conhecimento, e que sejam discutidas outras formas

* Desses professores, 42 são graduados em Licenciatura, 06 graduados em outros cursos e 11 com o curso pedagógico e Logas a nível de 2ª grau.

de levar o aluno a aprofundar o conhecimento. Ao lado do descaso que o Estado tem com a educação, os professores acham que existe um despreparo e conseqüentemente um descompromisso por parte de alguns, como é levantado por uma professora:

"...eu fico assim pensando, refletindo quando eu sinto que um colega não tem amor pela sala de aula, ele vai pra ganhar o dinheiro, por que não tinha outro motivo, ele não tinha outro ideal e no meio em que eu vivo, tem e como tem, ele não tem outro ideal, ele não tem onde ir buscar, ele vai por isso, essa razão. E eu vejo o descaso que ele faz, porque o professor ele é uma pessoa comprometida, o verdadeiro professor, aquele que ama a sua profissão, aquele vocacionado, ele deve ser comprometido com a educação. E no meu meio eu vejo alguns descomprometidos".

Diante disso vale perguntar, que preparação esses professores da rede estadual de ensino estão proporcionando aos alunos, tendo em vista esse descompromisso com as atividades acadêmicas? Entende-se que a preparação do aluno é bastante limitada pois, segundo uma entrevistada, até os dias letivos foram diminuídos, bem como não se tem boa vontade de buscar metodologias novas, nem tampouco aperfeiçoamento. Além dessa preocupação, existe outra que diz respeito ao não comparecimento dos professores nas reuniões departamentais, para que haja um entrosamento e ao mesmo tempo uma troca de material, já que existe o problema de não se ganhar o suficiente para comprar o material adequado para aprofundar o conhecimento.

Em meio a essa questão, há professores que estão preocupados com o que a escola está se propondo a dar e colocam:

"Em todos os setores os professores devem dar bons exemplos, ser um professor é ser mais um educador, é transformar para a vida, transformar esta situação, nós temos muito a ver, temos muita ligação, não são os governantes".

Pelo que se compreende, os professores tem uma grande responsabilidade para com o processo educacional. Segundo a opinião da professora, esse é um dos problemas da educação que os governantes não podem resolver, cabendo ao conjunto dos profissionais tentar solucionar os problemas que são de sua competência. Se existe denúncias de que o problema da educação não é sô dos governantes, significa admitir que o problema é bem mais complexo e que deve ser questionado e avaliado também dentro das escolas. Nesse sentido, tivemos a oportunidade de ouvir os professores e detectamos que a escola não está dando o suficiente, bem como não está preparando o alunado nem para a vida cotidiana nem para o Vestibular. Portanto, se faz necessário "agir dentro da escola, modificiar as atuais práticas pedagógicas e contribuir simultaneamente tanto para transformação da escola quanto da sociedade". (1)

O que é interessante na posição dos professores é que há um certo reconhecimento da realidade vivenciada por eles, mas ao mesmo tempo não há uma consciência crítica formada a respeito dos problemas que afetam a escola pública estadual, o que há é uma "consciência revoltada", como é apontado por uma professora entrevistada.

Por fim, nota-se que os professores se sentem sobrecarregados e completamente desvalorizados em seu trabalho. Além de estarem descontentes com os salários irrisórios que recebem, muitos estão mal preparados para o trabalho que têm de fazer. Um outro ponto que não se pode deixar de abordar aqui é quanto

(1) Luiz Antonio de Carvalho Franco. A Escola do Trabalho e o Trabalho da Escola. op. cit. pags. 54-55.

aos problemas que os professores enfrentam tanto fora quanto dentro da sala de aula e que têm que resolver sôzinhos, chegando a assumir, em alguns momentos, posições extremamente autoritárias, ou então agem com descaso no que se refere às suas responsabilidades.

Partindo da perspectiva de que é na sala de aula que se mantém uma relação entre professores e alunos, pretendemos no segundo capítulo, discutir alguns aspectos dessa relação.

CAPÍTULO II

"A FALTA DE BASE E DEFASAGEM"

DESCOMPROMISSO DE QUEM?

Tendo em vista uma série de questionamentos a respeito da Escola Pública e do processo de ensino/aprendizagem cabe, agora, tentar, refletir especificamente sobre o ambiente que consideramos de fundamental importância no desenrolar das atividades acadêmicas: a sala de aula. Nela, é onde se mantém diariamente uma relação ativa entre os alunos, e entre estes e o professor, ou seja, é principalmente nesse espaço que se estabelecem as relações que levam a um determinado processo de conhecimento.

Tomando como base as entrevistas realizadas, percebe-se que um dos problemas enfrentados pelos professores é a não participação dos alunos em sala de aula, como bem coloca uma professora do 2º grau:

"Eu acho que é mesmo uma falta de base, na primeira fase do 1º grau. Porque o aluno chega na segunda fase do 1º grau totalmente, é vamos dizer assim, fora da realidade, eles não sabem direito ler, não sabem escrever, não sabe pegar um texto e pegar o conteúdo mais importante..."

Pelo que a entrevistada está colocando a não participação do aluno está relacionada à sua falta de base. Isso é detectado também pelos professores na medida que eles passam as tarefas e os alunos não conseguem atingir o objetivo que, na visão do professor, deve ser atingida.

Segundo a professora, os alunos chegam na segunda fase do 1º grau sem saber direito ler e escrever, além de não sabe-

rem retirar de um determinado texto as idéias mais importantes. Isso porque, para ela, os alunos não estão sendo preparados para que realmente consigam desempenhar as atividades diárias da sala de aula. Assim, entende-se que se os alunos não estão conseguindo retirar de um determinado texto aquilo de mais necessário para a sua compreensão, significa dizer que eles não estão tendo uma preparação nesse sentido, e, conseqüentemente, não estão sendo capacitados para acompanhar as séries posteriores.

Por outro lado, verifica-se que o problema não é detectado apenas pelo cumprimento das tarefas, mas também pelo nível em que se encontram as escolas que esses alunos frequentam. Essa visão é reforçada por outra professora do Grupo Escolar de 1º Grau, coloca que os alunos não participam da aula porque as escolas municipais não as preparam, e nesse sentido diz:

"...eu não sei se é base também, porque lá no sítio a preparação é diferente, os conteúdos são diferentes dos nossos. Porque os alunos que vem da Zona Rural eles num tão preparados e alguns, também, das escolas municipais da Zona Urbana, porque o programa da gente é totalmente oposto, 50% das atividades eles veem, mas 50% não tem visto, então a dificuldade é grande, quando chega naquele assunto é uma negação, agora quando é aluno do Grupo Escolar Cunha Lima, então a gente já vê o nível totalmente diferente".

Com base nessa colocação, verifica-se que o problema dos alunos não participarem das aulas e conseqüentemente não conseguirem compreender o que está sendo trabalhado na sala de aula, não se deve exclusivamente a eles. Como observa-se na citação acima, o problema reside também na falta de cumprimento dos conteúdos programados nas escolas que esses alunos estudaram. Com isso, percebe-se que os professores transferem alguns dos aspectos do problema educacional para outras escolas e, portanto, para outros professores.

Nesse sentido, vale questionar se realmente os alunos não participam da sala de aula pelo fato de não terem base das séries anteriores e as causas que levaram esses alunos a não adquirir base.

Sabe-se que os alunos tem um objetivo quando fazem opção para participar de uma sala de aula, mas para isso é necessário que o professor os oriente pois, segundo uma professora, em Remígio "existe muita gente inteligente, mas não tem condições para se desenvolverem intelectualmente".

Na realidade uma boa parte dos alunos matriculados na rede estadual de ensino desse município, não tem condições de ter acesso a parte do material necessário para se desenvolver e ter um melhor aprendizado. Isso é um fato que, de certa forma, pode reforçar a posição de que eles não participam por falta de base, embora ainda existam outras questões que podem estar relacionadas a essa posição, como por exemplo a relação professor x aluno; a escola que, por sua vez, não consegue mudar suas práticas pedagógicas e, em casos específicos a necessidade por parte do aluno de lutar pela sobrevivência.

Além desses problemas, vale indagar sobre a motivação que está tendo a clientela estudantil na sala de aula, para que participe das atividades. Mediante a afirmação de uma professora, o alunado não está sendo motivado

"quando o aluno chega na escola não encontra motivação nenhuma".

ou ainda,

"A culpa tá no professor. O professor é responsável pra motivar o seu aluno, ele tem de incentivar o seu aluno, ele tem que fazer o possível para conter o aluno na sala de aula, que aquele aluno se ache motivado, incentivado".

Então, está claro que o professor necessita encontrar meios para que seu aluno participe das atividades da sala de aula, na medida que ele dê e receba contribuição para aprofundar o conhecimento. Para isso, se faz necessário uma relação de respeito e contribuição mútua para que não haja uma separação e, portanto, uma distância entre o professor e o aluno, como coloca uma professora:

"...porque aquele negócio de professor que fica lá no pedestral, numa distância muito grande do aluno, isso num leva a nada leva o aluno ter medo do professor".

Se por um lado os professores necessitam encontrar mais para fazer com que os alunos participem na sala de aula, por outro, é importante a idéia de que o espaço escolar não se restringe a distribuição de conteúdos e que as pessoas que as distribuem não são portadoras de conhecimento imutáveis e verdadeiros; ao contrário, as pessoas aprendem na medida que compreendem que o conhecimento não é restrito, ou como diz Paulo Freire:

"o aprendizado só pode efetivar-se no contexto livre e crítico das relações que se estabelecem entre os educandos, e entre estes e o coordenador".(2)

Além da posição dos professores de que os alunos não participam das aulas por serem carentes, não terem base, etc, há segundo alguns autores que defendem a defasagem do aluno como um problema individual e até psicológico:

(2) Paulo Freire. Educação como prática de liberdade. op. cit. p. 07-08.

"muita gente, sobretudo professor, continua a ver o fracasso escolar como um fato psicológico, como a consequência de um problema individual próprio" do estudante" que fracassa" .
(3)

Entende-se pois que, o fracasso no ensino/aprendizagem é consequência de uma série de crises dentro do sistema educacional, cujos resultados negativos afetam todas as partes a ele relacionadas.

Num outro momento da nossa pesquisa, detectamos que alguns professores consideram seus alunos irresponsáveis e preguiçosos pelo fato deles não cumprirem diariamente com as atividades acadêmicas, como veremos nas citações abaixo:

"Em geral, eles tem muita preguiça, e a gente passa as tarefas e mesmo que nem está fazendo nada, nem adianta tá cobrando, eles nem tão querendo muita coisa".

"Tem alguns, como eu já falei antes, são irresponsáveis não trãs, eu exijo, inclusive digo que ponho nota baixa, saio de carteira em carteira olhando as atividades, ameaço de no outro dia não assistir minha aula se não estiver com as tarefas prontas, com medo eles trazem, mas quando é com uma semana ou duas alguns não trazem..."

Nota-se que alguns professores, numa visão bastante unilateral, entendem o aluno como pessoa que não quer nada do que está sendo oferecido na escola, simplesmente porque eles deixam de fazer as atividades. Estes professores não se perguntam se o ambiente escolar está realmente proporcionando aos alunos um aprofundamento do conhecimento, bem como se está sendo um lugar agradável para que ele permaneça e participe das atividades.

(3) Claudius C., M .D. de Oliveira e R.D. de Oliveira. A vida na escola e a escola da vida. op. cit. p.34.

des diária.

Pelo que se pôde perceber, na sala de aula permanece uma relação de dominação e o professor por sua vez mantém sua autoridade sobre o aluno como a saída mais viável para que haja um bom aproveitamento dos conteúdos trabalhados. Como está explícito na última citação, esta forma de manter o aluno em dia com as atividades não funciona e a própria professora reconhece quando diz que os alunos "com medo trazem, mas quando é com uma semana ou duas eles não trazem"

Verifica-se ainda, que a autoridade de que trata a professora, significa uma das vias de levar o aluno a cumprir tarefas, bem como de atender o que o professor considera necessário para que ele se desenvolva. Portanto, os professores entendem que os alunos precisam de conhecimento para que possam suprir suas necessidades, e para isso, acham que o aluno deve cumprir as tarefas, seja por sua vontade ou por meio da coação.

Diante da problemática de que os alunos da escola pública estadual não cumprem as atividades e, portanto, não participam das aulas por irresponsabilidade e preguiça, surge posições completamente diversas, ou seja, há professores que consideram que entre eles tem alguns que não tem interesse, nem tampouco compromisso com as atividades acadêmicas e afirmam que o professor deve realmente assumir a responsabilidade que ele próprio optou.

"...acho que depende de cada um porque é preciso a pessoa ter interesse, se dedicar ao trabalho. Porque, por exemplo, se o professor ele vai ensinar somente pelo fato dele ganhar o dinheirinho dele, ele não se preocupa em preparar uma aula bem, em procurar desenvolver uma atividade extra..."

e ainda,

"...ele não cumpre com o seu dever de professor, é despreparado. O professor é obrigado todos os dias a estudar, ele é obrigado a ler".

De acordo com esse entendimento deve haver no ambiente escolar pessoas comprometidas com o ensino/aprendizagem, e estas pessoas devem estar comprometidas e preparadas para desenvolver atividades que levem o aluno a "conhecer" e a não considerarem seus erros (dos alunos) como problema individual.

Entende-se ainda, que o despreparo de que trata a entrevistada diz respeito ao aprofundamento dos conteúdos que os professores possivelmente trabalham e que não estão tendo a responsabilidade de buscar meios de aprofundar o conhecimento para que possam propiciar um ensino de melhor qualidade.

Mesmo sendo reconhecida a realidade que enfrentam, os professores defendem a opinião de que tudo permanecerá do jeito que está, que nada vai mudar, que não se consegue nada, como coloca uma entrevistada:

"...o que mais me preocupa lá é também os colegas, né? que num se reúnem conosco, discutir, quando a gente quer fazer um trabalho razoável muita gente diz que não vale a pena, que a gente não vai conseguir nada, é isso aí".

No entanto, verifica-se que não são a falta de base, a irresponsabilidade e a preguiça do aluno são problemas que interferem no processo de ensino/aprendizagem. Como coloca a entrevistada, o problema dos professores não se reunirem para discutir e propor soluções para as dificuldades que enfrentam é um caso sério e conseqüentemente um dos problemas que influi no processo do ensino/aprendizagem.

Pelo que foi colocado, percebe-se que existe uma insistência por parte de alguns professores em transferir para alu

nos e governantes os problemas existentes na escola, como se eles não tivessem nada a reavaliar, bem como nada a mudar dentro do espaço que poderia ser visto, também, como transformação e não apenas de informação.

Dessa forma, questões como ter um ambiente agradável na sala de aula, uma relação séria e responsável mediada pela orientação do professor e considerando o interesse que o aluno tem em fazer determinadas atividades, são de fundamental importância para que o aluno possa ter o mínimo de possibilidade de desenvolver sua capacidade crítica.

CONCLUSÃO

"O ESTADO FAZENDO A ESCOLA?"

A problemática educacional nas escolas estaduais na Paraíba e, especificamente no município de Remígio, de acordo com a pesquisa que realizamos, tornou-se ainda mais preocupante para nós na medida em que detectamos que a maioria dos professores conhece os problemas existentes dentro desse setor e não tenta enfrentá-los.

Assim, a educação da rede estadual de ensino nesse município encontra-se defasada e não há movimentos concretos que se preocupem com tal situação, nem da parte do Estado e governantes, que tem grande responsabilidade, nem dos professores, que por muitas vezes contribuem para a reprodução de um ensino de má qualidade. A própria estrutura da escola, no dia-a-dia, legitima essa situação e os alunos por sua vez não cobram uma mudança desta situação.

Sabemos que o ensino-aprendizagem não se restringe aos conteúdos dados em sala de aula (sejam eles de História, Matemática, etc), mas abrange uma totalidade, que é o conhecimento, a partir também das experiências vivenciadas por alunos e professores fora da escola.

Nesse sentido, verificamos na pesquisa que, na prática da sala de aula ainda existe reflexos de uma política educacional "autoritária" e "tradicional" e falta o encaminhamento de uma luta por mudanças na estrutura educacional e por melhores condições de ensino.

Entendemos que somos parte responsáveis pelas transformações da educação e da sociedade, mas percebemos que, segundo a posição das nossas entrevistadas, essa responsabilidade é colo

cada de forma unilateral, ora para o aluno individualmente, ora para o governo e ora para o professor.

Daí questionamos: sendo a educação também uma relação de troca de experiências, é possível haver uma mudança se sô uma dessas partes se movimentar de forma individual?

Ao analisarmos o discurso-fala do professor, percebemos que muitos deles vêem os problemas da escola, por exemplo como sendo unicamente responsabilidade do Estado, ou seja, eles vêem o "Estado fazendo a escola", mas nunca se colocam também, como parte instituinte desse "fazer a escola".

Nesse sentido, a falta de material didático aparece no discurso como causa fundamental da defasagem do ensino e como uma das faltas de compromisso dos governantes ou do Estado que, segundo eles, é o responsável por essa questão.

No entanto, a pesquisa nos levou a perceber que os problemas enfrentados pela educação hoje, não são apenas de competência do Estado, mas o próprio professorado contribui para que a crise educacional permaneça e se aprofunde. Esta é uma questão por demais importante e que merece uma discussão e amadurecimento por parte daqueles que acreditam ainda em uma educação nova e transformadora na sociedade brasileira.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). O Educador: Vida e Morte. Rio de Janeiro. Edições Graal, 3^a edição. 1983.

_____. O que é educação. São Paulo , Editora Brasiliense S.A., 15^a edição. 1985.

_____. Pesquisa Participante. São Paulo, Editora Brasiliense S.A., 7^a edição. 1988.

CECCON, Claudius. A vida na escola e a escola da vida / Claudius Ceccon, Miguel Darcy de Oliveira, Rosiska Darcy de Oliveira . Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 15^a Edição. 1986.

FRANCO, L. Antonio de Carvalho. A escola do trabalho e o trabalho da escola. São Paulo, Cortez, Autores Associados. 2^a edição. 1988.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade.

NIDELCOFF, Maria Teresa. A escola e a compreensão da realidade . São Paulo, Editora Brasiliense S.A., 15^a edição. 1987.

SILVA, Marcos A. da. (Org.). Repensando a História. São Paulo , Editora Marco Zero, ANPUH Núcleo de São Paulo, 2^a edição.

OUTRAS FONTES

Entrevistas realizadas com 7 (sete) professoras das Escolas Estaduais José Bronzeado Sobrinho (1^o e 2^o graus) e Dr. Cunha Lima (1^o grau) do Município de Remígio, PB, durante o período de 19 a 26 de novembro de 1990.